

MITOLOGIA E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES

MYTHOLOGY AND TEACHING OF HUMAN SCIENCES: REFLECTIONS AND POSSIBILITIES

Ronaldo Bernardino Colvero 1
Matheus Pinto Furtado 2

Resumo: Este artigo consiste em uma reflexão sobre a mitologia no ensino de Ciências Humanas e as possibilidades de sua utilização em sala de aula. Visamos, de maneira geral, compreender como a narrativa mitológica pode se caracterizar como recurso didático no ensino de Ciências Humanas. Além disso, refletimos algumas possíveis abordagens relacionadas a este tipo de narrativa e o ensino de Ciências Humanas. O trabalho se torna importante por instigar as discussões sobre metodologias que envolvam materiais didáticos não tão explorados, que podem atrair a atenção dos alunos e contribuir no processo de ensino e aprendizagem. A base metodológica utilizada foi a qualitativa, em termos de métodos, utilizamos o bibliográfico e a hermenêutica. Ao final do trabalho, foi possível ultrapassar o senso comum sobre o mito através da discussão teórica. Além disto, as possibilidades de trabalho com narrativas mitológicas mostraram potencial de contribuição no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ciências Humanas. Ensino. Mitologia.

Abstract: This article consists of a reflection on mythology in the teaching of Human Sciences and the possibilities of its use in the classroom. We aim, in general, to understand how the mythological narrative can be characterized as a didactic resource in the teaching of Human Sciences. In addition, we reflect on some possible approaches related to this type of narrative and the teaching of Humanities. The work becomes important because it instigates discussions about methodologies that involve teaching materials that are not so explored, which can attract the attention of students and contribute to the teaching and learning process. The methodological basis used was qualitative. In terms of methods, we used the bibliographic and hermeneutics. At the end of the paper, it was possible to overcome common sense about the myth through theoretical discussion. In addition, the possibilities of working with mythological narratives showed the potential to contribute to the teaching-learning process.

Keywords: Human Sciences. Teaching. Mythology.

Doutor em História, Universidade Federal do Pampa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3017947075069963>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2958-8656>. E-mail: ronaldocolvero@unipampa.edu.br | 1

Mestrando em História, Universidade de Passo Fundo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7208654879652137>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4426-0977>. E-mail: matheusftd@gmail.com | 2

Introdução

Constantemente, professores discutem sobre alternativas metodológicas para atrair a atenção dos alunos. Mesmo ainda não havendo uma fórmula para isso – nem garantia de um dia haver –, a reflexão sobre possibilidades é necessária e fundamental. Nesta perspectiva, muitas vezes não incentivamos os alunos a usarem de sua criatividade imaginativa durante as aulas. E não se fala, aqui, em abstrações subjetivas ao bel-prazer, mas em aproveitar a imaginação como uma maneira para se chegar à reflexão sobre o concreto, sobre o passado da humanidade, sobre a realidade vivida¹.

Seja em aulas de Ensino Religioso, História, Filosofia, ou até informalmente, muitas pessoas entraram em contato com a mitologia. E por mais nossa ideia esteja pautada no senso comum, existe uma atração em relação ao épico, ao heroísmo e aos grandes eventos da mitologia que nos deixam entusiasmados. Seja quando falamos sobre o deus do trovão Thor da Marvel Comics², ou do deus nórdico original e os eventos fantásticos o envolvendo, nossa imaginação entra em voo livre. Sendo assim, será que não poderíamos aproveitar esta espécie de êxtase imaginativo em sala de aula? E mais: será que não poderíamos romper com o senso comum sobre o mito e utilizarmos a mitologia mundial – inclusive brasileira –, para construirmos conhecimento junto com os alunos? Trabalhando a partir destas e outras perguntas é que este trabalho foi construído.

O presente artigo consiste em uma reflexão sobre a mitologia no ensino de Ciências Humanas³ e as possibilidades de utilização desta em sala de aula. Como objetivo geral, visamos compreender como a narrativa mitológica pode se caracterizar enquanto recurso didático no ensino de Ciências Humanas. Entendendo tal tipo de narrativa como objeto de estudo e, também, um *start* para a compreensão de diversos temas. Além disso, refletiremos sobre algumas possíveis abordagens relacionadas a este tipo de narrativa e o ensino de Ciências Humanas. O trabalho se torna importante por instigar as discussões sobre metodologias que envolvam materiais didáticos não tão explorados, e que podem atrair a atenção dos alunos e contribuir com o processo de ensino e aprendizagem. A metodologia utilizada se caracteriza como qualitativa, fazendo uso do método bibliográfico e hermenêutico.

Organizacionalmente, o texto se organizará em três partes. Na primeira, trataremos da relação entre as Ciências Humanas e a Literatura, abordando os diferentes componentes. Na seção seguinte, discutiremos o mito de um ponto de vista teórico, na tentativa de evidenciar sua característica modelar e estruturante da cultura dos povos. Na seção final, tentaremos propor alternativas de trabalho com a mitologia em sala de aula. Para isso, trabalharemos com alguns fragmentos de narrativas mitológicas, exemplificando, brevemente, algumas possibilidades de trabalho.

Mais perto do que se imagina: Ciências Humanas e Literatura

Quando falamos em Literatura, muitas vezes a relacionamos somente à ficção, à criação não necessariamente real. Contudo, é importante que não esqueçamos que a própria construção literária é humana. E, por mais distante da realidade, ela tem sua base em um conjunto de características do real. Se cria o ficcional a partir dos diversos contextos, culturas, vivências dos autores, e características histórico-sociais presentes fora da ficção. A partir disso, podemos refletir que a Literatura tem sua fundação, seu alicerce no real, para, daí, seguir em direção ao imaginativo, ao fantástico, ao ficcional.

Se a Literatura é uma espécie de “espelho”, mesmo que não necessariamente fiel, da

¹ Sandra Pesavento coloca que o “novo enfoque”, que redimensiona os estudos de relação entre História e Literatura, por exemplo, são os estudos sobre o imaginário. Este abriu uma espécie de janela para a recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados. Fonte: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & Literatura: uma velha-nova história.** *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, Debates, 2006.

² A Marvel Comics é uma editora estadunidense de histórias em quadrinhos e produtos relacionados ao gênero. Foi fundada em Nova Iorque por Martin Goodman, em 1939. Ver mais em: HOWE, Sean. **Marvel Comics: a História Secreta.** Lisboa: Leya, 2013.

³ Importante salientar que trabalhamos na perspectiva da organização curricular escolar configurada em áreas. A área de Ciências Humanas e suas tecnologias consiste nas disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Geografia. Ver mais em: BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+).** *Ciências Humanas e suas tecnologias.* Brasília: MEC, 2006.

realidade, ela também trata do homem. Se é feita pelo homem e fala sobre ele, é possível pensarmos que trabalha diversas questões da existência. Quando se cria uma realidade ficcional, estabelece-se um contexto base que pode se relacionar a um contexto histórico, por mais sutil que seja.

O fato dos personagens de uma narrativa serem ficcionais é irrelevante, pois esta trata de uma vivência, de uma suposta existência num contexto baseado no real e nas relações entre as pessoas, em um determinado período da História. Aqui, se apresenta o pano de fundo da criação literária de ficção: contextos sócio-histórico-culturais e ações humanas reais. Numa relação entre nosso imaginário e a realidade social, Sandra Jatahy Pesavento coloca:

O imaginário é sistema produtor de idéias e imagens que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e conceitual, que forma o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível. [...] Atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não-experimentado. É elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. É sistema de identificação, classificação e valorização do real, pautando condutas e inspirando ações. É, podemos dizer, um real *mais real* que o real concreto... (PESAVENTO, 2006, s.p.).

O imaginário é um sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade, sem confundir-se com ela, mas tendo nela o seu referente. O real pode ser construído pelo olhar do sujeito enquanto significado, o que permite que este seja visualizado, vivenciado e sentido de forma diferente, no tempo e no espaço (SILVA, 2011). Aqui, novamente uma relação entre subjetividade e objetividade. A partir das diversas perspectivas, existe uma construção por parte das pessoas, com base em seus contextos culturais, vivências e entendimentos sobre a própria realidade. Há uma complexidade humana, de relações, vivências e existência que se apresenta. E nosso olhar sobre a realidade não pode ser pautado única e exclusivamente na objetividade, em função da própria constituição dos sujeitos sociais na sua humanidade.

As Ciências Humanas se inserem em um campo reflexivo relacionado ao homem e à realidade e que este vive, levando em conta os contextos sócio-histórico-culturais na sociedade. Todo e qualquer conhecimento produzido pela humanidade caracteriza-se como uma “ciência humana”. Contudo, a expressão Ciências Humanas refere-se àqueles “campos de conhecimento, tidos também como ‘ciências’, que têm o ser humano como seu objeto de estudo, ou então, como seu foco”⁴.

Neste ponto, observamos que as Ciências Humanas têm como objeto, ou principal enfoque, o homem. Mas, para além disso, as relações entre as pessoas, interação destas com o meio natural, as ações humanas através do tempo e a reflexão sobre a própria existência humana entram em discussão. E é este caráter reflexivo e, inclusive, problematizador sobre o homem e toda esta complexidade que caracteriza as Ciências Humanas. Indo ao encontro disto, tentaremos estabelecer breves relações entre a Literatura e cada uma das disciplinas das Ciências Humanas, de forma a ilustrar as aproximações. Dentre as disciplinas da área, estão a Filosofia, a História, a Sociologia e a Geografia. De maneira a organizar a reflexão, trataremos de cada uma em relação com a Literatura, partindo, inicialmente, da Filosofia.

Sobre a crítica de Platão à Literatura e a arte em geral, no que tange ao pensar filosófico, refletimos: ao mesmo tempo que Platão criticava o caráter não fiel ao real, representativo da arte, ele próprio escrevia sua filosofia de maneira literária. Há uma “literalidade” na filosofia platônica que não pode ser ignorada (MAGALHÃES, 2009). Além disso:

Há, por conseguinte, o pressuposto de que a verdade só existe no diálogo, daí a filosofia em forma de diálogo em seus escritos, e o diálogo é marcado pela literalidade por conta

do pensar a partir de personagens; se todos os diálogos são reais ou fictícios não tira a literalidade da elaboração final dos textos platônicos (MAGALHÃES, 2009, p. 49-50).

Por mais crítico que seja Platão aos artistas e às representações artísticas da realidade, sua própria filosofia se dava em forma literária, de maneira artística. A dita “literalidade” da filosofia platônica está relacionada diretamente ao seu “fazer filosófico”. O diálogo, os personagens, e a narrativa se fazem presentes. O caráter de “irreal” ou “real” não é o ponto de maior importância, e sim o que os diálogos literários platônicos tem a nos dizer. As reflexões trazidas por estes diálogos é que são o objeto a ser analisado, problematizado.

Se estamos falando em existência espelhada, mesmo que parcialmente, no real, é possível considerar que questões relacionadas à própria “existência-real” se fazem presentes. Quando falamos sobre problemas, questões existenciais, perguntas sobre a vivência dos indivíduos (fictionais ou não), podemos pensar na Filosofia. Ora, se a Literatura é um reflexo de questões reais, ela também pode ser objeto sob o olhar da Filosofia, e instigadora da reflexão filosófica. Neste ponto, uma aproximação entre Literatura e Filosofia se mostra bastante clara.

Sobre a relação entre História e Literatura, Pesavento coloca que ambas correspondem a narrativas que explicam o real, que se renovam no tempo e no espaço. Junto disso, são dotadas de um traço de permanência ancestral, pois os homens, desde os tempos mais remotos, expressaram pela linguagem o mundo que viam e que não viam, através das suas diferentes formas, como a oralidade, a escrita, a imagem ou a música (PESAVENTO, 2006, p. 2).

Percebemos que tanto a História quanto a Literatura são modos de explicar o real. Além disso, as diferentes formas de expressão do entendimento sobre a realidade se complementam: a oralidade pode preencher lacunas deixadas pela escrita, esta pode complementar o relato oral; a imagem pode auxiliar na compreensão do texto, como também é o objeto de análise na falta do texto escrito; a música pode se relacionar com a oralidade, e ajudar a compreender um determinado contexto social, e assim por diante. Na relação entre História e Literatura, atualmente:

[...]são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto (PESAVENTO, 2003, p. 32).

Podemos compreender, a partir de ambas as disciplinas, as dúvidas, temores e ideias que foram surgindo ao longo do tempo. Porém, tanto a Literatura quanto a História nos oferecem o mundo em uma perspectiva comum: textualmente. Se ambas nos oferecem uma visão do mundo em forma de texto, se nos ajudam a compreender a humanidade, se nos mostram os anseios das diferentes épocas, podemos inferir que existe uma relação próxima entre elas. E, a partir de ambas, numa complementaridade, podemos entender de modo mais acertado as realidades sociais de diferentes tempos, por exemplo.

Sobre os estudos entre Sociologia e Literatura, Antonio Candido (2006) aponta duas perspectivas. No primeiro enfoque, a relação entre Literatura e a Sociologia pode se dar na própria tentativa de compreender em que medida a arte é influenciada pelo meio social. Além disso, é possível explorar o caráter de crítica política por trás da produção literária ou qual seu fundo social, por exemplo. As possibilidades e relações entre a Sociologia e a Literatura são diversas. De qualquer forma, parece haver um pressuposto nesta perspectiva de análise: a arte é influenciada pelos contextos sociais onde é produzida. A questão sob análise é o *tamanho de tal influência*. Isto pode gerar uma discussão em torno de uma suposta obrigatoriedade, atribuída à arte, de trazer questões sociais nas produções artísticas. Sobre isto, podemos observar o seguinte sobre a segunda perspectiva de análise:

A segunda tendência é a de analisar o conteúdo social das obras, geralmente com base em motivos de ordem moral ou política, redundando praticamente em afirmar ou deixar

implícito que a arte deve ter um conteúdo deste tipo, e que esta é a medida do seu valor (CANDIDO, 2006, p. 29-30).

Isto gera uma importante reflexão sobre o papel social da arte. Esta se apresenta como um modo criativo e dotado de beleza para tratar de problemas sociais, evidenciando e denunciando desigualdades e abusos. Mas, por mais que a arte seja fundamental canal de expressão dos anseios e demandas sociais, parece que atribuir uma necessidade ou obrigatoriedade social à produção artística reduz o que não tem um fundo problemático-social a uma categoria de “não arte”. É preciso, sim, produzir arte relacionada aos contextos sociais em suas especificidades. Este é um dos papéis fundamentais da arte. Mas que não diminuamos tudo aquilo que não foi produzido a partir de uma demanda popular a um estado de arte menos significativa.

Sobre a relação entre Geografia e Literatura, abordaremos uma aproximação bastante específica: a topoanálise na Literatura. De acordo com Gaston Bachelard, a topoanálise “é o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1989, p. 28). Se falamos sobre nossa vida, pautada de subjetividades, sentimentos em relação a determinado espaço, e uma relação sujeito-natureza, partimos de uma perspectiva geográfica que rompe a dicotomia social-natural.

Dito isto, e indo além, Oziris Borges Filho (2008) coloca que a topoanálise é mais do que o “estudo psicológico”, pois abarca, também, todas as outras abordagens sobre o espaço. Isto inclui questões sociológicas, filosóficas, estruturais, que fazem parte de uma interpretação do espaço nas diversas obras literárias. Além disso, a topoanálise não se restringe à análise da vida íntima, mas também à vida social e todas as relações do espaço com a personagem literária, seja no âmbito cultural ou mesmo natural.

Em uma perspectiva renovada da Geografia, vemos que os conceitos não são construídos de modo a perpetuar uma característica positivista da Geografia Tradicional. A própria topoanálise acaba envolvendo diversas questões, incorporando o social, tratando da cultura e das subjetividades. E a Literatura, por sua base no real, contém os elementos que possibilitam a topoanálise na própria narrativa. O caráter real ou não do texto acaba não sendo o ponto principal, pois a análise não se impossibilita na narrativa ficcional. A interpretação sobre uma narrativa literária continua possível, e pode ser trampolim para entendimento do concreto. Podemos, a partir da Literatura, compreender conceitos geográficos, ao mesmo tempo que características geográficas estão presentes na própria Literatura. Novamente, uma relação entre uma disciplina das Ciências Humanas e a Literatura.

Eis que surge um questionamento: se existe esta (rica) conexão, não seria possível trabalhar as narrativas literárias como recurso didático no ensino de Ciências Humanas? Pensamos que a resposta é *sim*. E, aqui, optamos por abordar um tipo de narrativa que, normalmente, não é tão explorada, mas que carrega diversas possibilidades de trabalho: a narrativa mitológica. A partir disso, surgem algumas perguntas: o que é narrativa? O que é um recurso didático? O que é mito? Quais as possibilidades de utilização da narrativa mitológica no ensino de Ciências Humanas? Nos dedicaremos, a partir daqui, a tentar responder tais indagações.

Mito, mitologia e narrativa mitológica

Quando estamos em uma conversa informal, seja na escola, na praça da cidade, na universidade ou em um bar, e ouvimos a palavra *mito*, logo pensamos em algo que não é real. A primeira coisa que vem à nossa mente é que o mito é algo “de mentira”. E quando não, o mito acaba tomando um caráter épico no nosso imaginário, com uma atmosfera heroica e de grandes feitos, influenciada, principalmente, pela mitologia grega. Mas, para compreendermos o que é mito, temos que ir além do senso comum, mesmo que não o reneguemos.

Segundo Pierre Grimal (2013), o mito na Grécia da antiguidade colore-se de histórias, desenvolve-se como epopeia e apoia ou explica as crenças e os ritos da religião. A palavra grega que serve para designá-lo (μύθος - *mythos*) se aplica a todas as histórias contadas, seja uma intriga de uma comédia ou uma fábula. De início, identificamos uma ideia de mito bastante ampla. O autor trata do mito em uma perspectiva relacionada à religião, pois esta tem sua gênese no próprio mito. Além disso, o mito como “histórias contadas” traz uma relação com a oralidade, com a socialização histórica do mito.

Vê-se que o mito não é uma realidade independente, mas que evolui com as condições históricas e étnicas, às vezes conservando testemunhos imprevistos de situações que de outra forma seriam esquecidas. Desse modo, o mito se revela um meio de investigação precioso e, mesmo que não se acredite mais tão ingenuamente como há um século ou dois que a lenda seja *sempre* uma deformação da história, hoje sabemos interrogá-la e de alguma maneira fazê-la confessar o que guardou do tempo e do meio de onde surgiu (GRIMAL, 2013, p. 15).

De acordo com o romeno Mircea Eliade (2007), o mito não é mera “ficção”, mas possui sentido, e é fornecedor de modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à própria existência do homem. Segundo ele, compreender a estrutura e a função dos mitos nos diversos povos não significa somente tratar de uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos próprios contemporâneos (ELIADE, 2007, p. 6). O autor entende o mito não como fábula ou algo ficcional: faz sua análise levando em consideração o significado do mito nos grupos sociais para, daí, tentar compreendê-lo em sua estrutura; e, por fim, analisa a relação entre o contexto social e a criação do mito. Existe uma relação direta, segundo ele, entre a sociedade e a gênese do mito. Sobre isto, Carlos Alberto Tolovi coloca que “[...] identificando-se a estrutura do mito identifica-se a estrutura da religião. Identificando-se a estrutura do mito e da religião é possível identificar um importante aspecto da estrutura social” (2011, p. 121).

Mas qual a motivação das sociedades antigas para a criação do mito? Segundo Tolovi, não suportando a dúvida e a falta de explicações em diversas situações da vida, nossos predecessores encontraram nos mitos respostas que lhes trouxeram segurança e um certo conforto. Diante de um caos, de um mundo onde, muitas vezes, o homem sente-se perdido e em dúvida, e o mito é a forma de explicação primeira sobre as coisas. O mito seria o precursor dos modos de entender o mundo, precedendo a religião e, inclusive, as interpretações científicas sobre o real. A função principal do mito seria de explicar a origem das coisas (TOLOVI, 2011). Indo além, Mircea Eliade coloca um conceito de mito:

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (ELIADE, 2007, p. 9).

Aqui, observamos o caráter modelar e sagrado do mito. Os mitos, em seu caráter de modelo, ocorreram no tempo da gênese, no começo de tudo. Se fala sobre a criação ou mudança radical de uma realidade por parte dos Entes Sobrenaturais, Deus ou deuses. Seja sobre a criação do cosmos ou do pé de coqueiro, o mito é a história modelo, ou da criação primeira. E, a partir de tudo isto, o

mundo e homem se tornaram o que são atualmente. Rompendo, ainda, com a ideia de mito não-verdadeiro, é importante abordar um fato importante: o mito é considerado uma história sagrada e, por isso, uma “história verdadeira”. Isto porque sempre se refere a realidades. O mito cosmogônico, de criação do mundo, é “verdadeiro” porque a existência do mundo aí está para prová-lo. O mito da origem da morte também é “verdadeiro”, pois é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante (ELIADE, 2007, p. 9).

A mitologia pode ser tida como o estudo dos diversos mitos, mas também como o conjunto de mitos de um determinado povo. Entretanto, para que se estude os mitos, é preciso conhecê-los. E para isso, os registros mitológicos em texto exercem um papel fundamental. A narrativa mitológica se constitui como objeto de estudo e reflexão. Mas, afinal, o que é narrativa? Sobre a questão da ação narrativa e os elementos desta, Cândida Vilares Gancho coloca o seguinte:

Contar histórias é uma atividade praticada por muita gente: pais, filhos, professores, amigos, namorados, avós... Enfim, todos contam-escrevem ou ouvem-lêem toda espécie de narrativa: histórias de fadas, casos, piadas, mentiras, romances, contos, novelas... Assim, a maioria das pessoas é capaz de perceber que toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir; tais elementos de certa forma responderiam às seguintes questões: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê? Em outras palavras, a narrativa é estruturada sobre cinco elementos principais: [...] Enredo, Personagens, Tempo, Espaço, Narrador (GANCHO, p. 4).

José D’Assunção Barros (2012), com base reflexiva em Paul Ricoeur, coloca que as narrativas nos mostram uma história de decisões tomadas nela mesma, e não antes dela ou em algum ponto exterior. A história não seria o estudo da execução de um plano já traçado, mas sim o “estudo da ação” (BARROS, 2012, p. 4). Gancho (2006) coloca que o mito é uma narrativa. Johnni Langer, fazendo menção ao mitólogo Marcel Detienne, coloca que a narrativa épica continha os princípios básicos da sociedade, os ensinamentos, as tradições, sendo o poeta essencialmente um transmissor dessa herança didática. A entrada da escrita na sociedade eminentemente mnemônica⁵, num primeiro momento não afetaria as formas antigas de transmissão do conhecimento mítico, porque justamente neste período ele é mais ouvido do que lido (LANGER, 2006, p. 49).

A narrativa mitológica chega até nós principalmente em texto, mesmo que ainda haja socializações orais do mito feitas por diferentes povos ao redor do mundo. Precisamos ser cautelosos ao tratar do mito *escrito*, pois ele não se caracterizaria como o mito *puro*. A escrita, segundo Langer, possui um papel ambivalente na sua relação com o mito. Ao mesmo tempo em que atrofia a criação mitopoética⁶, acaba preservando uma tradição específica (uma versão selecionada), permitindo ao pesquisador reconstituir parte das “marcas do que vem apagar” na busca da verdadeira vida do mito, a palavra viva⁷ (LANGER, 2006, p. 73).

Quando nosso imaginário entra em contato com a narrativa mitológica, existe um *quê* de atrativo nela, a partir dos gostos e desgostos de cada um de nós. E os alunos podem ler obras

5 Sociedades mnemônicas são aquelas que não dispõem de meios de armazenamento como a escrita, o cinema ou a fita magnética para codificar seus conhecimentos. Neste contexto, o mito “[...] codifica sob forma de narrativa algumas das representações que parecem essenciais aos membros de uma sociedade. Dado o funcionamento da memória humana, e na ausência de técnicas de fixação da informação como a escrita, há poucas possibilidades que outros gêneros de organização das representações possam transmitir conhecimentos de forma duradoura” (LÉVY, 2004, p. 50).

6 Fazendo menção a Eleazar M. Mielietinski, Maria Goretti Ribeiro coloca que a mitopoética é uma espécie de organização semântica que combina elementos da mitologia antiga com o objeto literário e se caracteriza pela identificação de sistemas mitológicos inteiramente diversos. Recorrendo a esquemas míticos tradicionais gerados em outro estágio da História, adaptando-se aos meios de produção estética da linguagem, a mitopoética é um recurso dinâmico de construção arquetipal do literário embasado em modelos míticos (RIBEIRO, 2008, p. 59).

7 O próprio Mircea Eliade trata da importância do “mito vivo”, ainda hoje, em diversas sociedades tribais. Estes grupos sociais se organizam e pautam suas condutas a partir do modelo mítico, mantendo uma espécie de “rememoração” sobre o mito em relação ao sagrado, ao caráter modelar, ao “modo como os antigos faziam”. Ver mais em: ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

instigantes de ficção, e ainda assim refletir sobre as coisas a partir da leitura. Não em uma lógica de trabalho formal e demasiadamente disciplinado, mas de atitude reflexiva. A ideia de ler coisas das quais se gosta pode incentivar o hábito de leitura. A perspectiva é de possibilidade, alternativa, aliando a paixão e o imaginário à construção do conhecimento autônomo.

Há um apelo atrativo na narrativa e na mitologia. E, se a narrativa mitológica desperta a criatividade imaginativa, não poderia ser utilizada como recurso didático? Nos colocamos positivos em relação a esta pergunta. Mas, afinal, o que são recursos didáticos? Um recurso didático, segundo Salette Eduardo de Souza (2007), é todo aquele material usado como auxílio, ferramenta no processo de ensino e aprendizagem do tema proposto aos alunos em aula. Existe uma imensa possibilidade de recursos que podem ser importantes na construção do conhecimento em sala de aula, desde o próprio quadro até jogos, videogames, saídas de campo, dentre outros recursos.

Os recursos didáticos são pensados para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. O texto literário entra como um possível aliado. Sobre a questão do hábito de leitura dos alunos, é fundamental que não se atribua a ideia de culpa a estes por, muitas vezes, não cultivarem tal hábito. Em um contexto globalizado, de redes sociais e internet, os livros acabam não tendo mais o apelo de outrora, pois seu consumo não é “instantâneo”. Além disso, em determinados contextos sociais, os alunos podem não ter a leitura como um valor a ser cultivado. A narrativa mitológica, em seu pano de fundo interdisciplinar, que evoca o imaginário, e seu caráter basilar da cultura dos diferentes povos (sagrado; modelo), pode contribuir para o incentivo à leitura e, principalmente, com a reflexão sobre aquilo que se lê. Pode se caracterizar como um possível – e significativo – recurso didático.

Narrativa mitológica e o ensino de Ciências Humanas: algumas possibilidades

A partir daqui, nos dedicaremos à proposição. Não nos colocamos em uma postura dogmática de uso da narrativa mitológica no ensino de Ciências Humanas. Apenas visamos refletir sobre as possibilidades e trazer exemplos de narrativas de diversas partes do mundo. Este trabalho não é nenhuma espécie de “guia definitivo”. Ele é um material pensado para auxiliar, de alguma forma, professores a trabalharem Ciências Humanas a partir de um recurso didático não tão explorado.

Quando falamos em utilização da narrativa mitológica, não falamos somente das mitologias grega ou nórdica. Pensamos ser importante ir um pouco além, e tratar de narrativas dos nativos originais brasileiros, bem como a mitologia africana. Além disso, a mitologia dos nativos norte-americanos também possui sua própria riqueza. É importante que trabalhem, além da mitologia dita tradicional, as narrativas que não são tão conhecidas, mas que também carregam consigo um caráter modelar, sagrado e épico. Todas estas histórias são impressionantes e envoltas em grande potencial de aprendizado, assim como tantas outras ao redor do mundo.

O trabalho com os textos mitológicos, em fragmentos ou na totalidade, exige alguns cuidados. Primeiro, é necessário que os alunos conheçam o contexto onde se insere o texto integral ou fragmento. Não necessariamente de maneira total, mas no geral, com um panorama do que se trata. Também é importante que seja trabalhado com os alunos, previamente, a questão do mito. Isto é muito importante para que eles tenham um olhar de respeito e compreensão sobre as crenças, mitos e ritos de outras culturas que não sejam a deles.

Os gregos, em busca como tantos outros de um princípio motor no cerne do Ser, acreditaram descobri-lo no Amor. No começo, havia a Noite (*Nyx*) e, ao lado dela, o Érebo, que é seu irmão. São os dois rostos das trevas do mundo: Noite – do alto – e escuridão – dos Infernos. Essas duas entidades coexistem no seio do Caos, que é o Vazio – não o vazio inexistente e negativo dos físicos e dos sábios, mas um vazio que é inteiramente potência e “matriz” do mundo, vazio por inorganização, e não por privação, vazio porque é indescritível, e não porque não é nada. Pouco a pouco, *Nyx* e *Érebo* se separaram do Vazio. *Érebo* desce e libera a Noite, que dá a si mesma uma forma côncava, tornando-se uma esfera imensa cujas duas metades

se separam à maneira de um ovo que se abre: é o nascimento de Eros (o Amor), enquanto uma metade da concha se torna a abóbada do céu e a outra, o disco, mais achatado, da Terra. O Céu e a Terra (*Urano e Geia*) possuem uma realidade material. O Amor é uma força de natureza espiritual, e é ele que assegura a coesão do universo nascente. Urano se inclina na direção de Geia, e a união dos dois dá início às gerações divinas (GRIMAL, 2013, p. 24).

Aqui, vemos o mito cosmogônico – tendo seu registro mais conhecido na obra *Teogonia*, de Hesíodo. Quando se trata da criação do céu e da terra, e da própria vida das primeiras divindades, existem diferentes versões. Cada cultura tem seus próprios mitos de criação, e é exatamente esta diversidade que pode ser o ponto central do diálogo em sala de aula. Podemos trabalhar os fragmentos isoladamente em cada disciplina, ou pensar em abordagens interdisciplinares, de maneira mais holística. Isto vai de acordo com cada docente e cada proposta.

É possível introduzir o trabalho com Grécia Antiga, em História, a partir do Eros (Amor), trazendo *como*, para os gregos, aconteceu a criação das coisas. Além disso, é possível trabalhar em Filosofia o conceito de Amor. Seria ele material ou espiritual? O que é o Amor? O que diferentes filósofos entendem como Amor? Também é possível, na Geografia, desconstruir cosmovisões hegemônicas, mostrando aos alunos como, muitas vezes, somos etnocêntricos. Como ignoramos ou temos como negativas as visões de outros povos que veem o mundo e pensam diferente de nós. Na Sociologia, podemos trabalhar sobre como a cultura acaba sendo moldada pelo próprio mito. Sendo o mito sagrado e exemplar, ele vai direcionando as condutas das diferentes sociedades, os costumes, bem como as relações interpessoais. A partir de um único fragmento, temos um recurso didático rico para trabalharmos dentro das Ciências Humanas. Temos, a partir da narrativa mitológica, um leque de possibilidades.

Indo um pouco mais além, em uma tentativa mais complexa, em termos organizacionais, é possível pensarmos em um sarau literário. É possível trabalhar com fragmentos, capítulos ou obras inteiras. Para trabalhar interdisciplinarmente, cabe o diálogo entre os professores das disciplinas da área de Ciências Humanas da escola, junto com o docente de Literatura e outras disciplinas, como Artes e Ensino Religioso. O planejamento interdisciplinar pode trazer benefícios na elaboração e organização do sarau. E os resultados poderão ser ainda mais significativos.

Pensamos, para quebrar a lógica mais tradicional de trabalho com narrativas mitológicas clássicas, na mitologia dos nativos originais⁸ do Brasil. A riqueza presente na cultura nativa brasileira, as lendas, os mitos, os costumes trazem em si um potencial de quebra de etnocentrismo da nossa parte. Além de nos mostrarem um lado do próprio Brasil que, muitas vezes, nos é desconhecido. A área ocupada, por exemplo, pelos nativos Ticunas em território brasileiro estende-se, aproximadamente, ao longo do alto Solimões, desde Santo Antônio do Içá, até a fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru. No passado essa área teria sido bem maior⁹. Vejamos o mito ticuna que fala sobre *como apareceu o dia*.

Naquele tempo era sempre noite. Os galhos da samaumeira cobriam o mundo, escurecendo tudo. Os irmãos *Yoi* e *Ipi* tentaram abrir um buraco na copa da árvore, jogando-lhe carochos de araratucupi, mas sem resultado. Chamaram o pica-pau, que tentou cortar o tronco com o bico, mas não conseguiu. Resolveram então tirar o machado da cutia. *Ipi* colou penas em todo o corpo e ficou deitado de boca aberta no caminho da cutia. A cutia estranhou a figura que encontrou no caminho e começou a fazer-lhe perguntas. Como *Ipi* não

8 Em relação ao uso do termo “nativos” e não “índios”, corroboramos com o que aponta Vlademir José Luft: “Embora o uso [...] do termo índio como sinônimo de sociedades nativas seja normal e frequente, é necessário esclarecer que utilizaremos o termo nativo, que identifica o original, o autóctone, em detrimento do termo índio, que teve o sentido de representar o nativo das índias, destino dos ‘descobridores’. Fazemos isso por entender ser inadequado continuar chamando-os de tal forma, usurpando-lhes a identidade” (LUFT, 2015, p. 93).

9 Ver mais em: MORAES et. al. Mansonella ozzardi entre índios Ticunas do estado do Amazonas, Brasil. *Bol Of Sanit Panam*, v. 85, n. 1, 1978. p. 17.

respondesse, ameaçou urinar na boca dele, cortar-lhe a língua, até que ele respondeu, dizendo que podia arrancá-la. Ela se aproximou e *Ipi* arrancou-lhe a paleta, a perna de trás, que era o seu machado. A cutia perseguiu *Ipi* mancando e gritou-lhe que, quando fizesse roça, não dissesse o nome dela, e que ela iria cobrar-lhe o roubo, furtando nas roças que fizesse. É o que a cutia faz até hoje. A cutia não pode mais plantar. Só cutia pequena ainda tem o machado. De posse do machado, *Ipi* começou a cortar a árvore. Mas o corte se tornava a fechar. *Yoi* então tentou cortar e, onde ele batia, o corte se mantinha aberto. Quando se cansou, entregou o machado a *Ipi*, que continuou a cortar, mas agora o corte não se fechava mais. Apesar de o tronco estar bem fino, a árvore não caía. Olhando para cima, viram que era uma preguiça que a segurava. O quatipuru, convidado para subir e tirar a mão da preguiça do galho, foi até a metade e desceu, com medo da altura. O quatipuru pequeno aceitou subir com formigas de fogo para jogar nos olhos da preguiça. Ele subiu e conseguiu atingir os olhos da preguiça. Deu então um pulo para trás, e caiu, machucando o rabo no machado. Por isso o quatipuruzinho tem o rabo dobrado nas costas. A samaumeira caiu, e daí por diante se pôde ver o sol, o céu, as estrelas [...] (MELATTI, 2001, p. 6).

A relação dos nativos com a natureza vem desde os mitos, permeando a cultura nativa desde seu cerne. Não havia, por assim dizer, uma escuridão por si só, mas uma árvore que impedia que a luz se propagasse. *Yoi* e *Ipi*, em uma empreitada épica, passaram por diversas provações até conseguirem com que a samaumeira caísse. A partir deste fragmento, podemos trabalhar as diferentes cosmovisões em relação à criação do mundo. É possível trabalhar etnicidade, mostrando aos alunos as características dos grupos étnicos nativos brasileiros, em uma des/reconstrução. Além disso, podemos trabalhar a cultura nativa brasileira. De maneira a desconstruir a representação social negativa ou errônea que muitas vezes temos. Os mitos nativos podem contribuir com a quebra do etnocentrismo e de nossos preconceitos. Se os alunos não conhecerem a cultura e a cosmovisão nativa, como podem respeitá-la e quebrar os conceitos pré-estabelecidos em si? Conhecer é importante. E valorizar a cultura nativa como parte integrante da identidade brasileira é algo que todos nós, enquanto brasileiros, devemos fazer.

Um dos pontos, talvez, mais importantes que podemos trabalhar, a partir da mitologia, se relaciona com as diversas cosmovisões. Contudo, é preciso que quebreemos, gradativamente, preconceitos e o etnocentrismo que nos rodeia e atravessa. Quando falamos sobre o diferente, muitas vezes nosso tom e entendimento não são os mais acertados. Isto em função de ideologias que se disseminam desde muito tempo, e que se enraízam tão fundo que é difícil de arrancá-las. Uma maneira de nos (des)construirmos é através do conhecimento sobre o diferente. Uma vez que entendemos as crenças, costumes, relações de outros povos, podemos dar um passo mais seguro na nossa *reconstrução* enquanto indivíduos.

Em se tratando de distintas cosmovisões, podemos abordar, por exemplo, os mitos da criação do mundo como o conhecemos. Este tipo de narrativa envolve os seres sobrenaturais e suas ações no princípio dos tempos, trazendo alguns dos elementos basilares do mito: os seres sobrenaturais, os tempos imemoriais, e as ações que mudaram a realidade. Só com narrativas deste tipo já é possível trabalharmos distintas cosmovisões, quebra de etnocentrismo, cultura dos países onde nasceram os mitos, dentre outros aspectos.

Uma mitologia que é pouco conhecida – ou não tão conhecida quanto a grega e a nórdica – é a dos nativos norte-americanos. Aqui, trataremos sobre o mito da criação do mundo do povo Sioux. Atualmente, os Sioux são uma aliança de tribos das planícies e pradarias do norte da América do Norte. Falam Siouan, família linguística que era próxima a dialetos falados no norte do México. A aliança de tribos Sioux possui três divisões principais: os Dakota no leste, os Yankton–Yanktonai

mais ao centro, e os Lakota a oeste¹⁰. O sistema de crenças dos Sioux é baseado em uma entidade suprema conhecida como Wakan Tanka, ou Grande Mistério – ou ainda, Grande Espírito. Este ser é uma espécie de força universal que permeia todas as coisas¹¹.

Acredita-se que, no tempo anterior à existência do mundo, Wakan Tanka jazia em um vácuo escuro e nebuloso chamado Han. A primeira entidade surgiu sob a forma de Inyan, a pedra, que derramou sua energia sob a forma do sangue azul dos mares e criou a deusa terra Maka a partir de si mesmo. Ao criar Maka, Inyan lhe deu os elementos da discórdia e da negatividade (entre outras coisas, claro). Como tal, ela começou a se queixar, sendo sua maior contrariedade o fato de ter sido criada a partir de Inyan, não tendo, portanto, sua própria identidade. Além disso, estava aborrecida por ainda viver na escuridão de Han e, por esse motivo, não ser capaz de ver um reflexo de si mesma. O terceiro deus foi Skan, deus do céu. Sendo mais espírito do que os físicos Inyan e Maka, assumiu um papel muito mais divino. Agindo como juiz de todas as coisas, ouviu as queixas de Maka e, para aplacá-la, decretou que Han deveria ser fendido em dois, dividindo-o entre o mundo superior, onde ele seria personificado como Anp e existiria na luz, e abaixo da terra como Han, onde continuaria a viver na escuridão. No mundo superior, Maka viu quão belos eram os oceanos azuis e quão despojada ela parecia, e então pegou um pouco da água e usou lagos e rios como joias para se sentir bonita. Não satisfeita, Maka continuou a se queixar, o que levou Skan a criar o quarto deus primordial, Wi, que ele pôs no céu para irradiar luz sobre o mundo. Declarou que Wi deveria prover calor e lançar sombras sobre todas as coisas – o que se acreditava representar os inseparáveis espíritos individuais de todas as divindades – e instruiu Anp e Han a compartilharem o céu, como a noite e o dia (DANIELS, 2015, s.p.).

Vemos que Wakan Tanka, enquanto divindade suprema, é criadora das coisas e dos deuses. Novamente, vemos que a relação com a natureza está fortemente presente. Algo bem interessante é que os próprios deuses são forças da natureza, mas, ao mesmo tempo, possuem sentimentos. Isto dá a eles uma característica bastante humana. Podemos trabalhar a questão ambiental a partir disso, mas é possível ir além. Quando Maka, a deusa da terra, diz que não tem identidade, é possível pensarmos no próprio conceito de identidade. Em um trabalho em sala de aula sobre etnicidade, identidade e cultura, podemos utilizar o texto como material didático. Sem contar a imaginação dos alunos, incentivada ao mesmo tempo em que estão aprendendo.

Indo em direção ao continente africano, podemos trabalhar o mito cosmogônico que retrata a empreitada de Olofim-Olodumare, deus supremo, com a ajuda de Exu. Nos tempos da gênese, houve uma discórdia de ideias, Entre Olofim e os sábios de Orum, sobre como o mundo deveria ser. E foi aí que Exu apareceu para auxiliar no impasse¹².

[...] quando os sábios e o próprio Olofim já acreditavam que era impossível realizar tal tarefa, Exu veio em auxílio de Olofim-Olodumare. Exu disse a Olofim que para obter sucesso em tão grandiosa obra era necessário sacrificar cento e um pombos como *ebó*. Com o sangue dos pombos se purificariam as diversas anormalidades que perturbam a vontade dos bons espíritos. Ao ouvi-lo, Olofim estremeceu, porque a vida dos pombos está muito ligada à sua própria vida. Mesmo assim,

10 Ver mais em: GIBBON, Guy. **The Sioux: the Dakota and Lakota nations**. Blackwell Publishing, 2003.

11 Ver mais em: DANIELS, Mark. **A história da mitologia para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2015.

12 Ver mais em: PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 44.

pouco depois sentenciou: “Assim seja, pelo bem de meus filhos”. E pela primeira vez se sacrificaram pombos. Exu foi guiando Olofim por todos os lugares onde se deveria verter o sangue dos pombos, para que tudo fosse purificado e para que seu desejo de criar o mundo assim fosse cumprido. Quando Olofim realizou tudo o que pretendia, convocou Exu e lhe disse: “Muito me ajudaste e eu bendigo teus atos por toda a eternidade. Sempre serás reconhecido, Exu, serás louvado sempre antes do começo de qualquer empreitada” (PRANDI, 2001, p. 44-45).

Aqui, vemos o mito de criação em sua descrição, surgido em meio a um impasse de ideias. Novamente, é possível perceber certa humanidade nos deuses. Indecisão, conflito entre pensamentos distintos, e até temor fizeram parte do contexto da criação do mundo por Olofim-Olodumare. Podemos perceber o caráter sagrado do mito, e a origem de certos ritos, como o louvor a Exu antes das empreitadas. Muito do que entendemos hoje sobre a cultura e a religiosidade possui sua gênese no mito. E os ritos são maneiras de rememorar os mitos, em seu caráter sagrado e exemplar. Neste ponto, é possível fazer um trabalho em conjunto com professores de Ciências Humanas, Literatura, e Ensino Religioso da escola, de modo a compreender o mito a partir das mitologias de diferentes culturas. O mito se caracteriza como objeto de estudo interdisciplinar, é pode ser um rico material didático em diversas áreas do conhecimento.

Mas, e se, gradualmente, o trabalho com texto não se tornar tão agradável ou eficaz? Esta pergunta é pertinente, e uma das possibilidades de trabalho está ligada à arte. Se pensarmos que o mito é uma narrativa de caráter épico, onde há ações de personagens distintos, é possível refletirmos sobre a possibilidade de adaptação das histórias de caráter mitológico para o teatro. Não se trata de sobreposição de histórias, mas de uma alternativa didática para uso da narrativa mitológica em sala de aula. E, sendo assim, os alunos podem soltar a criatividade, tendo como base os mitos que forem trabalhados ao longo do trimestre, semestre ou ano letivo.

Dito isso, uma possível alternativa, relacionando Ciências Humanas, Literatura, Ensino Religioso e Artes, é a organização de um pequeno festival de teatro. A partir do que for trabalhado ao longo do semestre, ou ano letivo, é possível incentivar os alunos a usarem da criatividade. Em um diálogo entre diversos docentes, é possível montar um planejamento para o festival. Os alunos se juntariam em um ou dois grupos por sala para a realização das atividades. Feito isto, cada grupo poderia escolher uma narrativa mitológica que poderia ser interessante para representar no palco.

O ponto interessante é que a reprodução da narrativa pode acontecer, mas os alunos devem ser incentivados a recriar, deixar a criatividade fluir, e fazer as adaptações para que tudo se encaixe na dinâmica teatral. Não falamos aqui de desmerecer o mito, mas apenas utilizar uma narrativa rica em termos de aprendizado para *fazer arte*. Desta forma, os alunos podem desenvolver ainda mais o trabalho em grupo, a escrita, a criatividade, a interpretação, dentre outras habilidades. A partir da mitologia, é possível aprender, criar e recriar, e colocar em prática, na forma de arte, o que foi aprendido em sala de aula.

A mitologia pode trazer uma riqueza muito grande em termos de possibilidade de aprendizado. Seja nas Ciências Humanas, ou em outras áreas, a narrativa mitológica traz em si um potencial didático que não deve ser ignorado. A questão sagrada envolvendo os mitos, seu caráter exemplar, e os elementos de conduta neste tipo de história são um material didático valioso para que mostremos aos alunos a diversidade cultural brasileira – e mundo a fora, por exemplo. Não se trata de *histórias de mentirinha*, mas de narrativas que são a base para o que hoje entendemos por cultura. A mitologia é parte fundante das diferentes sociedades, e não levá-la a sério exclui do diálogo em sala de aula a primeira forma que nós criamos para explicar tudo aquilo que não entendíamos.

Considerações Finais

Tem-se a ideia, muitas vezes, de que o mito e a mitologia não são coisas “reais”. Entretanto, não se pode negar a influência do mito na construção da cultura dos povos. No seu caráter de criação, modelar e de modo de explicação das coisas, ele possui uma relevância que devemos

considerar. E se é assim, podemos, também, fazer uso das narrativas mitológicas para contribuirmos com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Portanto, cabe a nós levar a percepção mais acertada sobre mito à sala de aula e utilizá-lo de forma a construir conhecimento junto dos alunos.

As possibilidades vão desde fragmentos, sarais literários e festivais de teatro até rodas de conversa ou apresentações de trabalho. A mitologia caracteriza-se como importante aliada na quebra da lógica padrão que muitas vezes seguimos. E não por não quisermos preparar aulas inventivas, mas por não conseguirmos, no dia-a-dia docente, manter toda a energia e criatividade possíveis. Para isso, é preciso preparação, pesquisa sobre o mito e as diferentes mitologias mundo a fora. É necessário conhecer os alunos, e saber o que talvez seja mais atrativo para determinada turma. É importante boa quantidade de imaginação, para conseguir, em uma atividade profissional tão desvalorizada no Brasil, fazer com que as aulas sejam tão épicas quanto os mitos narrados pelos poetas da antiguidade.

Referências

- BACHELARD, G.. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BARROS, J. D.. Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, v. 9, n. 1, jan/abr, 2012. p. 1-27.
- BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+). Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2006.
- CANDIDO, A.. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DANIELS, M.. **A história da mitologia para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2015.
- ELIADE, M.. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FILHO, O. B.. **Espaço e literatura: introdução à toponímia**. XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências, São Paulo, USP, 2008.
- GANCHO, C.. V.. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GIBBON, G.. **The Sioux: the Dakota and Lakota nations**. Blackwell Publishing, 2003.
- GRIMAL, P.. **Mitologia grega**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- LANGER, J.. Mythica Scandia: Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking. **Brathair**, v. 6, n. 2, 2006. P. 48-78.
- LÉVY, P.. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 2004.
- LUFT, V. J.. Aportes para uma História Nativa Sulamericana no Rio da Prata. In: PERREIRA, Silvia Dias et al. **O Homem e as Zonas Costeiras: Tomo IV da Rede BrasPor**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.
- MAGALHÃES, A.. Partilhas do saber. Diálogos entre Filosofia e Literatura. **Revista Páginas de Filosofia**, v.1, n.2, jul/dez, 2009. p. 47-59.
- MELATTI, J. C.. **Mitos indígenas**. Brasília: UNB, 2001.
- MORAES, M. A. P. et al. Mansonella ozzardi entre índios Ticunas do estado do Amazonas, Brasil. **Bol Of Sanit Panam**, v. 85, n. 1, 1978, p. 16-25.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. **História da Educação**, v. 7, n. 14, jul/dez, 2003. p. 31-45.

_____. **História & Literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

POMBO, O. **Interdisciplinaridade e Integração dos Saberes**. Congresso Luso-Brasileiro sobre Epistemologia e Interdisciplinaridade na Pós-Graduação. Porto Alegre, Universidade Pontifícia do Rio Grande do Sul, Junho, 2004.

PRANDI, R.. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação de Ciências Humanas – Licenciatura. São Borja: Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, 2014.

RIBEIRO, M. G.. Da literatura aos mitos: a mitopoética na literatura de Lya Luft. **Interdisciplinar**, v. 7, n. 7, jul/dez, 2008. p. 59-79.

SILVA, F. M.. **Pensando a Tênu fronteira entre História e Literatura a partir da Obra do Poeta Manoel de Barros**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1301010704_ARQUIVO_anaisanpuh2011sp.pdf> Acesso em: 26 dez. 2018.

SOUZA, S. E.. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”, Maringá, 2007.

TOLOVI, C. A.. Mito, religião e organização social. **Pensar – Revista Eletrônica da FAJE**, v. 2, n. 1, 2011. p. 118-135.

Recebido em 12 de novembro de 2019.

Aceito em 23 de março de 2020.